



Evaristo Pedro

Biografia:

Diretor Nacional de Educação de Jovens e Adultos do Ministério da Educação de Angola. Licenciatura, Pedagogia – Educação de Adultos na Universidade Agostinho Neto. Contato: evaristo.pedro@med.gov.ao

Entrevistadores:

André Almeida Cunha Arantes

Pós-Doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Atualmente é o editor-chefe da Revista Com Censo. Contato: andre.cunha@se.df.gov.br

Linair Moura Barros Martins

Doutora e Mestre em Educação pela UnB, especialista em Educação Especial Inclusiva e em Formação Socioeconômica do Brasil, com graduação em Geografia. Trajetória docente na educação básica e superior, com foco na educação especial, e experiência em gestão educacional e de políticas públicas. Atuou no Ministério da Educação como Coordenadora-Geral de Políticas e Formação em Educação Especial e de Inclusão nos Sistemas de Ensino. Atualmente, é chefe da Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (Eape).

Cooperação entre países do Sul global para o desenvolvimento de soluções socialmente justas e culturalmente contextualizadas

1. Revista Com Censo (RCC): Brasil e Angola compartilham não apenas uma língua, mas também histórias de resistência, desafios semelhantes no campo educacional e um posicionamento comum dentro do chamado eixo Sul-Sul. Como o senhor enxerga a importância da cooperação entre países do Sul Global na construção de políticas educacionais mais solidárias, inclusivas e ajustadas às realidades locais?

Evaristo Pedro: A cooperação Sul-Sul, ou melhor, cooperação entre países do Sul Global, como Brasil e Angola, é fundamental de uma forma geral. Ela permite a união de sinergias entre vozes de realidades semelhantes, num contexto em que o Norte Global detém uma hegemonia, ditando regras e padrões que muitas vezes não se ajustam às realidades contextuais dos nossos países. No caso concreto da educação, para construir políticas educacionais que realmente sejam o reflexo das realidades culturais, sociais e históricas dos nossos países, o caminho passa essencialmente pela cooperação e partilha de boas práticas relativamente à superação de desigualdades na oferta, criação de currículos que integram os saberes locais, fortaleçam e promovam a autoestima, por formas a resistirmos à uniformização cultural promovida pela globalização. Outro aspecto que deve ser fundamental nessa cooperação entre os nossos países, deve ser a cooperação no âmbito da pesquisa acadêmica e tecnológica. O facto de vivenciarmos desafios comuns propicia a identificação de soluções comuns. Neste sentido, acredito que a pesquisa acadêmica e tecnológica, se feita com base nas realidades locais, vai contribuir para a elaboração de postulados próprios, mitigando assim uma

eventual dependência epistemológica do Norte Global, bem como para a criação de soluções tecnológicas que respeitem as nossas realidades sociais e infraestruturais e promovam a inclusão digital sem ferir as raízes culturais. Eu defendo que a cooperação Sul-Sul na educação representa um compromisso solidário entre nações que compartilham histórias e desafios, transformando saberes locais em soluções conjuntas para construir sistemas educacionais mais justos, inclusivos e culturalmente relevantes e isso passa por essa estratégia que fortalece a voz do Sul Global em fóruns internacionais como a UNESCO e, no caso específico da EJA, a CONFITEA.

2. RCC: A internacionalização da educação é hoje uma realidade consolidada, mas frequentemente orientada por modelos hegemônicos do Norte Global, que nem sempre dialogam com as especificidades culturais, sociais e históricas de países como Brasil e Angola. Diante desse cenário, como podemos construir processos de internacionalização que não apenas respeitem, mas também reafirmem nossos contextos e saberes locais, contribuindo para a universalização do direito à educação com equidade e soberania cultural?

Evaristo Pedro: Falar sobre a internacionalização da educação remete-nos, necessariamente, a falar do Novo Contrato Social para Educação. A relação reside exatamente na busca por uma formação mais inclusiva, colaborativa e intercultural. A internacionalização amplia a troca de conhecimentos e boas práticas, contribuindo para uma educação que prepare cidadãos capazes de actuar em contextos multiculturais. Ambos conceitos reforçam a necessidade de promover a cooperação internacional e a valorização da diversidade para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo de forma mais equitativa e globalizada. No entanto, há o risco dessa internacionalização ocorrer sob uma supremacia dos modelos do Norte Global, caso não se promovam os respectivos diálogos Norte-Norte, Norte-Sul e Sul-Sul; de formas que sejam respeitados os contextos e saberes locais de todos os países, não importando a sua condição política, social ou geográfica. Devemos pensar e fazer a internacionalização da educação, tendo como base a necessidade de reimaginar a educação como parte de um novo contrato social, com base em **princípios de justiça, equidade e sustentabilidade**, respeitando as realidades dos outros e reafirmando os nossos saberes locais. Para países como Brasil e Angola, é essencial adoptar uma abordagem que equilibre a integração global com a valorização das suas riquíssimas especificidades culturais, sociais e históricas. Relativamente a isso, o caminho passa exactamente pela cooperação Sul-Sul nos domínios da formação de formadores, partilha de modelos metodológicos culturalmente responsivos e na adopção de uma postura que garanta que a internacionalização não seja apenas um processo de

exportação/importação de modelos, mas sim um diálogo horizontal e transformador. Em suma, os países do Sul Global precisam adentrar para a inevitável carruagem da internacionalização da educação sob a lógica de "pensar global, agir local" ou seja, articular os grandes desafios da internacionalização da educação — como as crises socioambientais, a desigualdade e os riscos à vida — com respostas contextualizadas e eficazes ajustadas aos seus contextos territoriais, pois a tão aclamada e necessária internacionalização da educação deve promover sistemas educacionais enraizados nas realidades locais, mas informados por uma visão global, capaz de mobilizar o conhecimento, a cooperação e a inovação em prol do bem comum e da transformação social.

3. RCC: Em sua recente visita ao Brasil, o senhor esteve em contato com representantes do Ministério da Educação (MEC). Como avalia essa experiência e quais foram os principais encaminhamentos resultantes dessas conversas?

Evaristo Pedro: A nossa visita ao MEC no Brasil constituiu uma experiência bastante enriquecedora. Ela enquadra-se num leque de três visitas que pretendemos realizar em três países da CPLP, no âmbito da revitalização que pretendemos empreender em termos de Política Pública de Combate ao Analfabetismo e Recuperação do Atraso Escolar, através da EJA em Angola. A escolha do Brasil não foi em vão. Começamos pelo Brasil, exactamente porque os nossos dois países partilham muitas semelhanças sociais, históricas e culturais. Fruto das experiências vivenciadas no Brasil, elaboramos uma proposta de cooperação e encaminhamos à Ministra da Educação de Angola que, por sua vez, formalizará a nossa intenção através de uma carta ao ministro da Educação do Brasil. Em princípio, definimos as seguintes áreas de cooperação:

- Formação de Professores (ProfEJA – Programa Nacional de Formação para a Docência na EJA);
- Integração EJA e EPT;
- PNLD-EJA - Programa Nacional do Livro Didático para EJA;
- Avaliação das Aprendizagens na EJA;
- Elaboração de Política Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos;
- Programa Brasil Alfabetizado.

Numa altura em que se avizinham as reuniões bilaterais entre Angola e o Brasil, acreditamos que a Cooperação Sul-Sul, entre o Brasil e Angola, no âmbito da EJA, viverá novos tempos em função dos ventos favoráveis que se avizinham.

4. RCC: Durante sua estadia em Brasília, o senhor visitou a EAPE (Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação). Qual foi sua percepção sobre a instituição e as iniciativas desenvolvidas ali? Como é desenvolvida a formação continuada de docentes em Angola?

Evaristo Pedro: A visita à EAPE foi um dos momentos altos da nossa estadia no Brasil. Foi memorável a forma sistemática e integrada como a escola procura dar respostas às demandas formativas que as diferentes escolas do Distrito Federal apresentam. Outro aspecto marcante foi o facto desta Unidade servir de ente mediador entre as Universidades que ofertam formação de professores e as escolas públicas onde estes formandos fazem os seus estágios. A forma como usam a contrapartida para que as universidades disponibilizem bolsas de estudo para os professores em serviço constitui também um bom exemplo de cooperação institucional. O DF está de parabéns pela forma pioneira como garante a formação continuada aos profissionais da educação. Em Angola, a formação continuada, ou também chamada de capacitação em serviço, é organizada em dois níveis: A nível central, organizada pelo Instituto Nacional de Formação de Quadros da Educação, o órgão tutelado pelo Ministério da Educação encarregado pela regência e coordenação da política pública de formação inicial e continua dos profissionais da Educação; a nível local, organizada pelos Gabinetes Provinciais de Educação. De uma forma geral, as formações ocorrem em cascata, ou seja, há uma Bolsa de Formadores Nacionais, Provinciais e Municipais, até chegar aos professores de cada escola. Geralmente as formações acontecem durante as pausas pedagógicas ou excepcionalmente, em horários contrários ao horário letivo dos professores envolvidos. Importa salientar que, no caso concreto da EJA, ou seja, andragogia, formações ministradas nestes dois níveis são abrangentes aos professores da rede pública e aos voluntários da EJA.

5. RCC: Como o senhor avalia o atual cenário da educação básica em Angola? E em que áreas acredita que Brasil e Angola poderiam fortalecer colaborações no âmbito educacional?

Evaristo Pedro: O atual cenário da educação básica em Angola é caracterizado como desafiador. Se por um lado, vivencia-se uma preocupação por parte do governo no sentido de todos os anos construírem-se mais escolas e recrutarem-se mais professores, em função de haver ainda um número significativo de crianças fora do sistema educativo, o facto de Angola ter uma das maiores taxas de natalidade do mundo remete ao sector da educação uma pressão de demanda muito superior à capacidade de oferta. Consequentemente a disponibilização de material didático e manuais, a promoção de espaços educativos inclusivos também se tem mostrado como um grande

desafio a ser vencido. A cooperação com o Brasil já é uma realidade há muitos anos e pode ser fortalecida em vários domínios, tais como: intercâmbio de professores e estudantes; formação de professores e gestores escolares; formação em matéria de avaliação educacional nos mais diferentes aspectos, produção de material didático e manuais didáticos; alfabetização e EJA integradas com ETP, educação especial; alimentação escolar etc.

6. RCC: Como Diretor Nacional de Educação de Jovens e Adultos de Angola, quais são os principais desafios enfrentados atualmente nessa modalidade de ensino em seu país?

Evaristo Pedro: Em Angola, debatemo-nos com o facto de 24% da população economicamente ativa estar na condição de analfabeta. Cerca de 70% das crianças que concluem o Ensino Primário (6º ano) não conseguem prosseguir os seus estudos nos níveis subsequentes, ou seja, temos desafios crescentes do ponto de vista da oferta de EJA, devido à limitação de espaços educativos e professores. Não existe formação inicial de professores para EJA e, por outro lado, temos desafios na elaboração de manuais didáticos e currículos ajustados às necessidades do público-alvo da EJA. De formas a dar respostas a esses e outros desafios, ligados à integração da EJA com ETP, a educação especial, entre outros, recorreremos continuamente a parcerias com organizações da sociedade civil e organizações internacionais, como é o caso do Banco Mundial, UNESCO, UIL e auguramos reatar a Cooperação Sul-Sul entre países da CPLP, no domínio da EJA, conforme foi prática entre 2010 e 2014.

7. RCC: Brasil e Angola compartilham laços históricos, culturais e afetivos, seja na música, no esporte ou na gastronomia. Em sua passagem pelo Brasil, o senhor teve oportunidade de vivenciar algumas dessas afinidades? Se sim, gostaria de compartilhar conosco essa experiência?

Evaristo Pedro: Exatamente no penúltimo dia da nossa passagem pelo Brasil, fomos agraciados com uma ida a uma roda de samba que acontece no Espaço Baóbar. Foi um momento de encontro e reencontro. Encontro com uma manifestação cultural que encorpa canto, dança e poesia, numa harmonia que ultrapassa as barreiras raciais e sociais. Foi um momento de reencontro no Brasil com uma manifestação cultural assemelhada à africana nos seus versos, movimentos, ritmos e instrumentos. A ida ao Baóbar, àquela roda de samba foi uma verdadeira imersão aos laços históricos que nos unem! Que unem o Brasil a Angola! Não podia terminar sem manifestar a minha eterna gratidão a toda equipa da SECADI-Brasil, Subsecretaria de Educação do Distrito Federal; CESAS; EAPE; EMMP, o meu muito obrigado! Ndapandula!